

O RUGBY NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:

RELATO DE UMA PRÁTICA¹

MSNDO. JÚLIO BRUGNARA MELLO

Mestrando em Ciência do Movimento Humano
pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS

DR. ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO

Doutor em Ciências do Movimento Humano pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS
Professor adjunto do curso de Licenciatura em Educação
Física da Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA

Resumo | Este relato tem como objetivo apresentar as experiências obtidas em um estágio supervisionado, ocorrido durante os meses de setembro e outubro de 2013. O estágio ocorreu em um período de dois meses e teve como objeto principal o rugby, participaram das aulas uma turma de 1º e 2º ano do ensino médio na cidade de Uruguaiana, RS, Brasil. O planejamento foi estruturado a partir do “*Tag Rugby* nas escolas, manual do professor” oferecido pela Confederação Brasileira de Rugby. Neste planejamento foi apresentado o rugby em duas aulas teóricas e desenvolvidas as técnicas do jogo em uma perspectiva do simples ao complexo, finalizando com a prática do jogo propriamente dito. Nesta perspectiva foi trabalhado fortemente os valores pregados pelo rugby e qual a importância deles para a vida.

Palavras-chave | Esporte. Ensino. Escola.

INTRODUÇÃO

Atualmente inúmeros estudos têm discutido sobre os objetivos do esporte com relação ao processo pedagógico, sociocultural, de

-
1. Agradeço à Prof^a. Mauren Bergmann pelas pontuais orientações durante o estágio supervisionado, aberta a novas ideias e rígida quando necessário, até mesmo nas demais disciplinas que ministrou durante minha graduação. Ao meu colega de estágio Yuri Ribeiro, por topar o desafio e trabalhar intensamente para o sucesso desta prática. Obrigado!

desenvolvimento motor e demais contribuições para a educação física escolar (CARLAN, 2012; TANI, 2012; GALATTI, 2014; BETTI, 2009). Isto se explica pelo fato da ênfase esportiva ser uma realidade na educação física brasileira (DARIDO, 2001). Mesmo sabendo que dentre todas as manifestações da cultura corporal do movimento humano que devem ser trabalhadas na educação física - cada uma com sua própria contribuição para o processo de aprendizagem - (GAYA, 2008), o esporte possui um papel fundamental no desenvolvimento completo dos estudantes, desde os anos iniciais até o ensino médio (BRASIL, 1998).

Nesta perspectiva, é observado que grande parte dos conteúdos da educação física escolar são práticas esportivas. Por outro lado, também se observa que durante todos os anos escolares as atividades realizadas na escola tendem a ter o mesmo objetivo, centrado no aprendizado da técnica e táticas de jogo, geralmente dos esportes coletivos tradicionais (PEREIRA, 2008). Em alguns estudos observacionais da educação física escolar notamos que esta estrutura fica ainda mais nítida nos anos do ensino médio (DARIDO, 1999; PEREIRA, 2008; HINO, 2012).

Com relação à educação física neste período dos anos escolares, os professores tendem a estruturar sua prática pedagógica a partir do esporte que possuem mais afinidade. Por vezes o aluno pode escolher qual modalidade irá praticar e cada professor da escola fica encarregado de uma modalidade. Neste caso, geralmente o aluno escolhe a modalidade que se sente mais à vontade para praticar, em algumas situações o determinado esporte pode ter sido escolhido porque a maioria dos amigos escolheu. Este tipo de estrutura oferecida ao ensino médio é apontada como um dos fatores para a evasão escolar da educação física (CHICATI, 2008; MARTINELLI, 2006), pois o fato de não possuir uma sistematização dos conteúdos que serão desenvolvidos durante o ano letivo tende a levar os alunos a uma insatisfação com as aulas. Ainda, parte dos alunos chega ao ensino médio com as habilidades motoras pouco desenvolvidas – ou estimuladas – muitas vezes ainda, tendo pouco conhecimento sobre os esportes e com um estilo de vida totalmente sedentário (TENÓRIO, 2010; SILVA, 2009), esta falha é acumulada através de todos os anos escolares,

podendo refletir seriamente no estilo de vida destes adolescentes durante a fase adulta.

Sendo assim no momento em que apenas uma, ou talvez duas modalidades são oportunizadas, os alunos com poucas habilidades nestas modalidades, ou quem não tem o biótipo “adequado” para a prática acabam não se sentindo a vontade para realizá-la. Muitos destes sentimentos por parte dos alunos, tanto dos que deixam de fazer educação física na escola quanto os que fazem, são fixados ao longo do tempo pelo fato de que outros domínios do esporte não são trabalhados com a devida intensidade que merecem. É o caso do *fair play*, conceituado por Lenk (1976) de duas maneiras:

Fair-play formal está relacionado diretamente ao cumprimento de regras e regulamentos que o participante da competição deve cumprir, em princípio, sendo considerado como uma 'norma obrigação' (must norm); e o fair-play não formal se relaciona ao comportamento pessoal e aos valores morais do atleta e daqueles envolvidos com o mundo esportivo. Não está limitado por regras escritas e é legitimado culturalmente. A ausência de uma regulamentação oficial confere a ele um caráter subjetivo.

Isto quer dizer que, por vezes assuntos como a ética no esporte, durante a prática ou não, respeito pelo adversário, árbitros, professores e demais envolvidos na prática, reconhecimento digno do adversário, tanto na posição de vencedor quanto na posição de derrotado, dentre outros tantos parecem não estar associados às atividades do dia a dia da educação física escolar, podendo passar sem a devida percepção dos alunos e podendo chegar ao pior cenário de serem desassociados da prática esportiva.

Neste contexto que inserimos o rugby em nosso estágio supervisionado no ensino médio. Por se tratar de um esporte diretamente ligado as questões supracitadas, visando a construção de valores, sem deixar de desenvolver os aspectos motores, cognitivos e instintivos e tendo como uma característica fundamental a diferença de biótipos dos jogadores, sendo todos extremamente necessários. Podemos afirmar que o rugby é um esporte que possibilita a participação de todos os alunos, independente de capacidades físicas e/ou nível de habilidade.

Este relato tem como objetivo apresentar as experiências obtidas no estágio supervisionado IV do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, ocorrido durante os meses de setembro e outubro de 2013 na cidade de Uruguaiana, RS, Brasil.

POR QUE O RUGBY?

Historicamente o rugby sempre foi cercado por histórias de praticantes e sobre suas conquistas alcançadas no esporte. Desde o marcante e folclórico ato de William Web Ellis, primeiro homem a correr com uma bola nas mãos, até o jogo entre França e Escócia, pós Primeira Guerra Mundial, onde os jogadores das duas equipes selaram a paz em um grande banquete, após a partida (GARCIA, 1964). As histórias deste esporte se estendem pelo mundo, tendo a história de Nelson Mandela com rugby como um dos principais marcos históricos da humanidade.

No entanto, para que se entenda os princípios pregados pelo rugby é necessário que se entenda a essência deste esporte, começando pelo fato de que o rugby é um esporte em que o contato físico é intenso e as regras do jogo permitem que um jogador utilize a força para se sobrepor ao adversário. Logo, durante uma partida ocorrem inúmeras situações em que uma simples atitude desleal por parte de um jogador pode trazer graves riscos à saúde do seu adversário.

Baseado nesta essência que o rugby exige de seus jogadores um “código moral” para que o jogo deixe marcas positivas no desenvolvimento esportivo e pessoal dos praticantes. O chamado “espírito do Rugby” deriva da exigência de virtudes morais, como condição básica para o envolvimento com essa modalidade esportiva. Uma atitude indispensável a um jogador de rugby, em virtude do espírito do rugby e também imposta pelas regras do jogo, é o sentido de cooperação. O aspecto coletivo do jogo permite que cada um dos jogadores tenha grande importância para o êxito da equipe, ressaltando suas virtudes no cumprimento de uma função específica.

A dimensão ética e moral do rugby foram descritas em um documento da *Rugby Football Union* (RFU) da Inglaterra em 2010. Nesse documento, está descrito o “espírito do Rugby” em forma de código, onde os praticantes desta modalidade devem seguir criteriosamente:

Código do rugby

Espera-se que qualquer pessoa envolvida no rugby na Inglaterra, seja como jogador, treinador, árbitro, dirigente, pai ou espectador, apoie os valores nucleares do nosso esporte: Espírito de equipe, respeito, divertimento, disciplina, esportividade. Jogar para ganhar – mas não a qualquer preço. Ganhar com dignidade, perder com elegância. Cumprir as Leis e regulamentos do jogo. Respeitar adversários, árbitros e todos os participantes. Rejeitar batota, racismo, violência e drogas. Valorizar voluntários bem como os agentes profissionais. Divertir-se com o jogo. Isto é rugby.

Outra peculiaridade com grande potencial formativo do Rugby, que não está explicitada nas suas regras formais, mas apresenta-se como ritualização do espírito do rugby é o chamado terceiro tempo. Esse ritual “obrigatório” é uma espécie de confraternização, onde todos os jogadores envolvidos com o jogo, das duas equipes se reúnem para comer, cantar e se divertirem ao final da partida, em um ambiente de muito respeito e companheirismo. A equipe local deve oferecer o terceiro tempo ao visitante, como forma de agradecimento à visita. A grandeza deste ato pode ser compreendida quando refletimos sobre o encontro citado anteriormente entre França e Escócia após a primeira guerra mundial (RUGBY FOOTBALL HISTORY).

A partir do conhecimento do rugby em sua totalidade, pode-se afirmar que desde a sua criação o rugby foi utilizado como um esporte construtor de caráter, onde os aspectos formativos e educativos são mais valorizados do que a competição em si e estes aspectos dialogam diretamente com o que se deve ser pregado pela escola, formação do caráter, formação do ser humano (BRASIL, 1998; GUIMARÃES, 2001). Muito do que se trabalha com o rugby extrapola as barreiras que separam as disciplinas dentro da escola, o trabalho com o rugby pode ser feito multidisciplinarmente formando e educando o aluno como um todo, como cidadão.

METODOLOGIA

Apresentação da turma e da escola

A turma no qual o estágio foi realizado era formada por 14 meninos com idade entre 14 e 17 anos, alunos dos primeiros e segundos anos do ensino médio de uma escola pública da região central de Uruguaiana, RS. A educação física na escola é oferecida aos alunos do ensino médio na forma de “clubes”, denominação que se utiliza na escola para a organização da educação física. Cada professor é responsável por duas modalidades esportivas e os alunos optam por qual irão fazer, por exemplo: “clube do basquete”, “clube do futsal”, “clube do handebol”. Os alunos da referida turma durante o ano inteiro praticam apenas basquetebol, a escola ainda oferta futsal para os meninos, handebol para as meninas e vôlei misto. Com relação ao espaço físico, a escola dispunha de duas quadras esportivas abertas e sem cobertura. Os materiais oferecidos pela escola para a realização do estágio foram cones e marcadores que foram agregados aos materiais oferecidos pela universidade que foram bolas de rugby, tags e cintos com velcro.

Planejamento

O planejamento das atividades ocorreu em quatro fases: a) aulas teóricas e revisão de literatura sobre a educação física no ensino médio e sobre o rugby na escola; b) observação das aulas de educação física da turma durante três semanas; c) preparação do material para as aulas; e d) construção do projeto de estágio e dos planos de aula.

Para a escolha do material a ser utilizado e como iríamos planejar as aulas primeiramente devemos entender que mesmo cercado de questões éticas e filosóficas, durante a prática do rugby pode existir contato físico, por isso se optou pelo *tag Rugby*, uma adaptação do rugby original que mantém os princípios básicos de disputar a posse de bola e dar continuidade ao jogo (são os dois princípios basilares do rugby). O *tag Rugby*

é uma variação do rugby em que os praticantes utilizam um cinto com velcro e duas fitas presas nele na altura da cintura, uma em cada lado do corpo. Uma dessas fitas, quando retiradas pelo adversário, impede o condutor da bola de avançar no campo, obrigando-o a realizar um passe. As fitas só podem ser retiradas do portador da bola. O principal objetivo desta variação do rugby é evitar o contato. O material utilizado para a construção dos planos de aula foi o “Tag Rugby nas escolas, manual do professor” (2012) oferecido pela Confederação Brasileira de Ruby (CBRu) e o “*Rugby Ready*” oferecido pela *International Rugby Board* (IRB) (2011). Estes materiais contêm atividades pedagogicamente organizadas para a iniciação do rugby na escola e a iniciação do rugby em geral, partindo de atividades simples sem contato, concluindo com atividades mais complexas, com contato.

Por se tratar de alunos do ensino médio com uma capacidade de assimilação mais avançada que crianças de anos anteriores, justificamos a utilização do contato físico e do chute (*penal*) durante as atividades, estas duas técnicas de jogo são específicas do rugby e não fazem parte do *tag rugby*, onde a única forma de marcar pontos é através do *Try*, ou seja, invadir a zona de pontuação do campo adversário e apoiar a bola no solo, mantendo o contato entre solo, bola e jogador.

DESENVOLVIMENTO

Apresentando a nova modalidade

Por mais que fosse por pouco tempo, um abalo na rotina dos alunos poderia gerar certo desconforto causando a evasão dos alunos durante o período de estágio, porém o cenário encontrado foi totalmente controverso a esta expectativa. Após a visita em sala de aula e explanação do que seria trabalhado os 13 alunos regulares da turma compareceram na primeira aula e um décimo quarto aluno também compareceu, este caso em específico se trata de um aluno que estava matriculado, mas não havia comparecido durante o ano todo. Segundo este aluno ele não

possuía “jeito” para jogar então não se sentia à vontade, mesmo com o incentivo dos demais colegas.

Aulas teóricas

Durante as aulas teóricas (2 das 16 aulas) os alunos assistiram uma parte de um jogo de rugby e alguns vídeos sobre o rugby, depois disso, fizemos uma explanação sobre os princípios do rugby. Nesta explanação abordamos questões como: a) espírito de lealdade durante o jogo; b) necessidade de uma estrutura humana para que o jogo aconteça (árbitro e adversário), ainda neste ponto os alunos produziram um texto sobre o tema “eu posso jogar sozinho?”; c) Confraternização pós-jogo, o terceiro tempo; d) ritual de reconhecimento ao adversário, situação onde a equipe vencedora aplaude a equipe perdedora como forma de reconhecimento; e por fim e) A conduta do atleta fora do jogo, neste ponto mostramos diferenças entre atletas com boa e má conduta e a interferência disto no jogo propriamente dito.

Aulas Práticas

Durante as aulas práticas conseguimos observar uma constante evolução individual de todos os alunos, mas, principalmente uma evolução coletiva, observada desde os trabalhos de aquecimento, sempre realizados coletivamente, quanto nos jogos propriamente ditos.

A estrutura geral das aulas era organizada na seguinte sequência: a) aquecimento (atividades coletivas como jogos recreativos, sempre instigando a introdução do rugby); b) trabalhos técnicos (as técnicas do rugby foram desmembradas e trabalhadas individualmente); c) Aplicação das técnicas trabalhadas na aula em jogos recreativos e jogos de *tag rugby* nas aulas iniciais e rugby sevens nas aulas finais (disputado com sete jogadores em cada equipe, diferente do rugby XV, disputado com 15 jogadores por equipe).

A partir desta estrutura de aula os conteúdos selecionados foram inseridos e organizados de forma pedagogicamente organizada,

para que cada aula tivesse conexão com a anterior e com a próxima. A metodologia de ensino abordada durante as aulas foi situacional, esta metodologia é constituída por formas próprias de condutas, onde o aluno deve adquirir uma capacidade geral do jogo. As atividades devem ser apresentadas de forma que os alunos vivenciem situações o mais próximo possível da realidade do jogo (KRÖGER, 2002). É relevante ressaltar que durante a prática tivemos o cuidado de trabalhar seguindo as três dimensões do ensino: conceitual, procedimental e atitudinal conforme Darido (2001). O conceito de tais dimensões afirma que o aluno deve saber o que fazer, aprender como fazer e o modo de relacionar-se nesse fazer, respectivamente.

Durante o aquecimento foram priorizados jogos recreativos voltados ao rugby, na intenção de fazer com que a turma já iniciasse suas atividades trabalhando coletivamente e se adaptasse a forma técnica de lidar com a bola oval. Durante as aulas seguintes o aquecimento trazia elementos que seriam trabalhados em aula – exemplo: Aquecimento para a aula de passe curto: jogo dos 10 passes em quadra reduzida – os jogos geralmente eram sem regras específicas e com um caráter lúdico, no qual os alunos eram estimulados a jogar conscientes de que era apenas uma atividade de aquecimento.

Durante os trabalhos técnicos foram priorizadas atividades que criassem situações próximas as do jogo, sempre focando em estimular uma habilidade e/ou uma técnica específica do rugby. O reconhecimento e manuseio da bola foram as primeiras atividades específicas. Nestas atividades os alunos eram estimulados a projetar-se para frente com a bola dominada, aumentando gradualmente a intensidade dos movimentos e da corrida, ainda, foram introduzidos trabalhos de estimulação à agilidade, em específico, os alunos deveriam se projetar de diferentes formas sendo o ponto chave das atividades o trabalho de pernas utilizado para a troca de direção.

Na sequência das atividades foram introduzidos os passes curtos. Este trabalho foi realizado diversas vezes até que a técnica de passagem da bola fosse compreendida. Então foram adicionadas a projeção corporal e

a realização do passe em movimento, os alunos eram sempre estimulados a correr para frente. Este ponto chave foi extremamente trabalhado em aula, por se tratarem de alunos que praticavam apenas basquetebol, a corrida com a bola dominada lhes parecia tão incomum a ponto de não o fazerem durante a prática.

Após o desenvolvimento destas duas partes, foi inserido o *tag rugby*. Durante os trabalhos de projeção com a bola e passe utilizando as técnicas do *tag rugby* os alunos eram estimulados a sempre evitarem o contato, buscando com um trabalho de pernas a troca de direção para avançarem sobre o adversário, pois mesmo quando permitido, o contato sempre deve ser evitado, assim a projeção ao ataque se torna mais eficiente (IRB, 2011).

O *tackle* é o contato com o objetivo de levar o adversário à queda para que não possa avançar com a bola e para a introdução do contato no jogo foi utilizado o “*tackle* com ombro e de frente”, porém, sem a execução da queda do adversário, esta adaptação foi realizada pelo fato de não termos as aulas em um piso adequado para quedas e sim em uma quadra. Primeiramente foram inseridos contatos leves em atividades técnicas, nos quais os alunos deveriam impedir a passagem do adversário tocando-o na região torácica, após algumas aulas o contato já pôde ser realizado de forma mais intensa, sendo que o aluno com a posse da bola também já poderia avançar mesmo sendo tocado. Isso fez com que os alunos criassem estratégias para impedir o avanço dos adversários – principalmente os mais fortes e mais pesados – bloqueando com dois defensores por exemplo.

Durante os jogos (recreativos, *tag rugby* e *rugby sevens*) realizados nas aulas a prioridade sempre foi da correção dos pontos chave de ensino (com relação à forma de jogar e as regras do jogo) no momento em que eles aconteceram, ainda optamos por criar a situação ideal após o erro para que os alunos entendessem a melhor forma de pensar o jogo tendo como estímulo visual o próprio posicionamento e a reflexão sobre ele. Estes apoios pedagógicos aos alunos foram diminuindo conforme o decorrer das aulas e os alunos passaram a ter liberdade para pensar e agir durante o jogo, além disso, instigavam-se uns aos outros na busca da melhor possibilidade de ataque ou defesa, a partir das regras do jogo. A

confraternização entre a turma, o professor responsável e os estagiários ocorria após o jogo, era realizada uma roda de conversa na qual os alunos lanchavam e comentavam o recente jogo junto aos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a estrutura disponibilizada pela escola, o pouco tempo de estágio e o material disponibilizado pela universidade, julgamos que nossas perspectivas foram alcançadas. Conseguimos em um período de dois meses realizar intervenções capazes de inserir um esporte desconhecido para uma turma inteira e desenvolvê-lo de maneira agradável e sucinta. Devemos salientar também que conseguimos trazer um aluno de volta à educação física da escola e julgamos isso uma grande vitória.

Dentro do que está previsto por lei, o papel da escola como um todo é formar o cidadão, educa-lo, mostrar os saberes específicos, mas também lhe guiar na construção do caráter e do conhecimento para a vida. A prática do rugby na escola nos mostrou que é possível trabalhar os valores pregados por este esporte, além de que é possível desenvolver habilidades motoras, aprimorar as habilidades existentes e explorar as peculiaridades de cada aluno, fazendo com que todos sejam – e se sintam – importantes para a prática, além de tudo prezando sempre que cada um respeite a importância do outro.

REFERÊNCIAS

BETTI, M.; ZULIANI, L.R.. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Ministério da Educação**. Educação Física, Brasília, v. 7, 1998.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY, Tag Rugby nas escolas, manual do professor, 2012.

CHICATI, K.C.. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2008.

CARLAN, P.; KUNZ, E.; FENSTERSEIFER, P.E.. O Esporte como conteúdo da Educação Física Escolar: Estudo de Caso de uma prática pedagógica” inovadora”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 55-75, out./dez., 2012.

DARIDO, S.C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L.A.; FIORIN, G.. Educação física no ensino médio: reflexões e ações. **Motriz**, Rio Claro, v. 5, n. 2, p. 138-145, 1999.

DARIDO, S.C.. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Revista Fluminense de Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n. 1, p. 5-25, 2001.

GARCIA, H.. El Rugby. **Publicaciones del Comité Olímpico Español**, Madrid, 1964.

GUIMARÃES, A.A.; PELLINI, F.; ARAÚJO, J.S.R.D.; MAZZINI, J.. Educação física escolar: Atitudes e valores. **Motriz**, Rio Claro, v. 7, n. 1, p. 17-22, 2001.

GAYA, A.; TORRES, L.A.. Cultura corporal do movimento humano e o Esporte Educacional. In: OLIVEIRA, A.A.B.; PERIM, G.L.. (Orgs.). **Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo**. 2008.

GALATTI, L.R.; PAES, R.R. Pedagogia do Esporte e Iniciação Esportiva: o jogo no processo de ensino, vivência e aprendizagem dos Jogos Esportivos Coletivos. **Educação Física em Revista**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 58-64, 2013.

HINO, A.A.F.; REIS, R.S.; RODRIGUEZ AÑEZ, C.R.. Observação dos níveis de atividade física, contexto das aulas e comportamento do professor em aulas de educação física do ensino médio da rede pública. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v. 12, n. 3, p. 21-30, 2012.

INTERNATIONAL RUGBY BOARD, Rugby Ready, 2011

KRÖGER, C.; ROTH, K. Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo, 2002.

LENK, H. Toward a social philosophy of the Olympics: values, aims, and reality of the modern Olympic movement. In: GRAHAM, P.J.; UEBERHORST, H. (Orgs.). **The modern Olympics**, 1976.

MARTINELLI, C.R.; MERIDA, M.; RODRIGUES, G.M.; GRILLO, D.E.; SOUZA, J.D. Educação física no ensino médio: motivos que levam as alunas a não gostarem

de participar das aulas. **Revista Mackenzie de educação física e esporte**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 13-19, 2006.

PEREIRA, F.; DA SILVA, A.C.. Sobre os conteúdos da educação física no ensino médio em diferentes redes educacionais do Rio Grande do Sul. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 67-77, 2008.

RUGBY FOOTBALL HISTORY. Origins of rugby. Produzido por Nigel Trueman. Disponível em: <<http://www.rugbyfootballhistory.com/>>. Acesso em: 02 de agosto de 2014.

SILVA, K.S.; NAHAS, M.V.; PERES, K.G.; LOPES, A.D.S.. Fatores associados à atividade física, comportamento sedentário e participação na Educação Física em estudantes do Ensino Médio em Santa Catarina, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 10, p. 2187-200, 2009.

TANI, G.; BASSO, L.; CORRÊA, U.C.. O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 339-50, abr./jun., 2012.

TENÓRIO, M.C.M.; BARROS, M.D.; TASSITANO, R.M.; BEZERRA, J.; TENÓRIO, J.M.; HALLAL, P.C.. Atividade física e comportamento sedentário em adolescentes estudantes do ensino médio. **Revista Brasileira Epidemiologia**, v. 13, n. 1, p. 105-17, 2010.

Recebido: 16 novembro 2014

Aprovado: 27 janeiro 2015

Endereço para correspondência:

Eraldo dos Santos Pinheiro

Universidade Federal do Pampa – Campus Uruguaina

BR 472, Km 592

Caixa Postal 118

Uruguaiiana – RS

CEP: 97500-970

esppoa@gmail.com